

A Matéria

Um tema que me tem atraído pela vida fora diz respeito à matéria. Comecei a maravilhar-me com a manipulação do ferro em brasa na bigorna do ferreiro que havia na Branca da minha infância (até aos 6 anos de idade). Deliciei-me no curso de serralheiro mecânico da escola industrial, que frequentei na minha adolescência (entre os 11 e os 16 anos), com a transformação das propriedades do aço (depois de ter aprendido as acções de corte com a lima, serrote, limador, torno e fresa): pela têmpera, mergulhando o metal aquecido em água fria, para enrijecer; através do recozimento e revenido, para amaciar as tensões internas agressivas (ameaçadoras de rotura da solidez metálica), à custa de um aquecimento lento; ou o aumento da rigidez superficial por intermédio da cimentação, depositando a quente pedaços de alguns sólidos ricos em carbono e azoto (onde se incluíam ossos e pés de cabra, salvo melhor recordação dos resquícios medievos). Tudo segundo as práticas oficiais do mestre Carvalho, arrancadas da penumbra dos tempos históricos. Eu gostava desse empirismo, dada a metamorfose operada na intimidade da matéria, que viria a compreender cientificamente, muito mais tarde, por leitura e curiosidade acerca do comportamento dos materiais, quando passei (em 1976/77) pelo Departamento de Ciência dos Materiais da Universidade Nova de Lisboa e aí orientei a dinâmica de um curso de engenharia de materiais. Recordo-me das entusiásticas lições do prof. Loureiro, a meu convite, quando ainda não se espalhara (ou espelhara?) no Instituto Superior Técnico a actual arrogância de superioridade científica a nível nacional. Foi nessa época, após a investigação experimental (na Alemanha) do comportamento do polietileno como material isolante às altas tensões, que decidi coligir os conhecimentos revelados acerca da

matéria ao longo dos séculos. Desci às interpretações gregas e avancei pelos discursos dos filósofos em todas as eras, dentro da medieval e da renascença, até penetrar nas interpretações científicas dos físicos e químicos, incluindo os investigadores de partículas no século XX e mesmo as actuais descontinuidades quânticas. Elaborei um livro, usado na clássica versão de "sebenta" numa disciplina de «Pensamento Contemporâneo», que deixei envelhecer dentro da gaveta, ao lado de vários outros por publicar. Lembrei-me dele há poucas horas atrás, quando um médico de clínica geral (e portanto dedicado às formas gerais da vida) se entusiasmou com as explicações científico-filosóficas (desde os arquétipos platónicos) que lhe dei, ao querer saber o que são os quarks.

Então, revelei-lhe que costume quebrar a altivez dos sábios convencidos da nossa praça pseudo-culta fazendo a pergunta simples: "Diga-me o que é um electrão". Por isso, ontem não resisti a comprar um livro, por casual entrada na livraria Ler Devagar (no Bairro Alto, em Lisboa) e que devorei logo a seguir: *Tratado sobre a Arte da Alquimia* de São Tomás de Aquino, "dedicado ao irmão Reinaldo", a quem descreve "certas regras simples e eficazes" das operações de transmutação dos metais pelo fogo. Começou, porém, com três recomendações, que a seguir se transcrevem:

1ª Não prestes demasiada atenção às palavras dos filósofos modernos ou antigos que têm tratado esta ciência, pois a Alquimia consiste totalmente na capacidade do entendimento e na demonstração experimental. Os filósofos, querendo esconder a verdade, têm falado quase todos de forma figurativa.

2ª Não aprecies nem estimes nunca a pluralidade das coisas nem as composições formadas de elementos heterogêneos, pois a natureza não produz nada a não ser mediante os

semelhantes; ainda que o cavalo e o burro possam produzir a mula, esta é uma geração imperfeita, como a que se pode produzir por um acaso excepcional com substâncias variadas.

3ª Não sejas indiscreto, vigia as tuas palavras, e, como filho prudente, não atires pérolas aos porcos. Mantém sempre no teu espírito o fim pelo qual empreendeste a obra.

Atribuiu ainda a paternidade destas regras ao seu mestre Alberto, o Grande, e garantiu que pelo uso de tais regras "não terás que pedir nada aos reis e aos grandes, e, pelo contrário, serão os reis e os grandes a cobrir-te de honrarias". Vale, pois, a pena reflectir sobre o conteúdo da mensagem tomista, quanto mais não seja porque, seguindo-a, "serás admirado por todos". Na 1ª regra estão as sementes de três colheitas futuras: o empirismo de Locke (conhecer é experimentar), a dúvida metódica de Descartes (conhecer é duvidar das opiniões alheias) e o rigor científico da modernidade (as figuras de retórica só insinuam a verdade). A 2ª regra contém duas ideias fulcrais da competitividade: a ciência rigorosa exige unicidade (termos com significados duplos são ambíguos) e as mutações do acaso constituem a essência da evolução de Darwin (bifurcações que nos distinguem dos dinossauros). Por fim, o conteúdo da 3ª regra transmite apaziguamento aos espíritos revoltados, fazendo o revenido das tensões internas: continuo discreto apesar da incoerência dos desígnios desta revista, contendo as palavras que me apetece imprimir, preservo a prudência do filho obediente e mantenho a finalidade da obra empreendida, sabendo que não se deve atirar pérolas aos porcos. Daí o erro que me impede de receber a atenção dos reis e dos grandes. Razão tinha Tomás de Aquino, no enlevo da sua santidade e no segredo da sua ciência, duas características que me escapam e justificam a falta alquímica da purificação até chegar à Obra. **E**